

CIÊNCIA E A PANDEMIA COVID-19

Ninguém conhece o alcance da pandemia que tem desatado o novel Coronavírus SARS-CoV-2. Certamente nos encontramos diante do que será reconhecido como uma das piores pestes sofridas pela humanidade. O desconhecimento do número de pessoas infectadas devido à explosiva taxa de contaminação e o elevado número de casos assintomáticos reforçam a necessidade e importância de entender o que está acontecendo, desde o nível molecular até o nível da sociedade toda.

A circulação de informações falsas nos meios informativos e redes sociais tornou-se visível e em nada ajuda. Exemplos claros disto são os supostos dados sobre a sazonalidade da virulência e duração da imunidade adquirida, duas características inteiramente desconhecidas de esta nova doença infecciosa, assim como as opiniões infundadas em relação a possíveis tratamentos.

A chave do caminho para a solução está na ciência. Não está no céu ou na política. O desenvolvimento de vacinas capazes de promover a geração de anticorpos efetivos, o uso de anticorpos recuperados de enfermos curados e/ou pessoas contaminadas, mas assintomáticas e sua administração em pacientes necessitados, a utilização de drogas antivirais, imunoglobulinas ou outros medicamentos, todos requerem de meticulosos estudos prévios. Estes últimos são a única forma para chegar a conhecer sua efetividade no tratamento do COVID-19. No entanto, a política também desempenha um papel que em certo momento pode ser fundamental: a ignorância e o poder podem limitar ou, pelo contrário, expandir o alcance da pandemia e os destroços que ela produz na população.

Enquanto charlatões pseudocientíficos proclamam a existência de remédios milagrosos, líderes importantes assumem posturas incrivelmente primitivas e perigosas ao serem ouvidos, ou lançam propostas sem base real nenhuma, mas que influenciam poderosamente a visão que a sociedade tem em relação ao que está acontecendo e suas possíveis consequências. Também ficou demonstrado que, em quase

todo o mundo ‘para não dizer o mundo inteiro’ os sistemas de saúde existentes são insuficientes para afrontar situações extremas como a atual e, sobre tudo, incapazes de coordenar assertivamente e cooperar efetivamente entre suas instituições e com as dos outros países.

A pandemia leva a uma crise social ao criar maior diferença entre os despossuídos e os poderosos. Embora o vírus não reconhece entre eles, as provas são aplicadas primeiro a pessoas importantes, prejudicando aos mais carentes. As opções de tratamento e recuperação são muito diferentes. No entanto, haverá possivelmente mudanças sociais positivas, tais como melhoras dos sistemas de saúde e reconhecimento social para aqueles que tenham colaborado com a superação da situação, assim como maior cooperação internacional, irmandade e espírito comunitário, entre outros.

Foi proposto o estabelecimento de um fundo global e são bem-vindas as ações acordadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que devem abranger todas as nações como única maneira de eliminar o prefixo ‘pan’. Os recursos requeridos para a investigação, sempre difíceis de conseguir, tendem a fluir com maior facilidade, pelo menos nos países do primeiro mundo. Resta ver se acontece algo parecido em nossos países, mas por enquanto uma mistura de orgulho e tristeza é proporcionada por saber do envolvimento de cientistas latino-americanos na luta contra vírus como o CoV-2, trabalhando em laboratórios do primeiro mundo e não poder fazê-lo em seus próprios países.

Dois lições desta pandemia: nos afeta a todos e precisamos mais ciência. Tal como referenciado a Galileu Galilei quem respondeu ao ser condenado pela corte, não resta mais do que dizer que nosso planeta continua girando, conosco nele.

MIGUEL LAUFER
Diretor,